

**Linguagem, Espaço e Identidade e em *O Rio e eu*, de Lygia Bojunga**Michelle Rubiane da Rocha Laranja (UNESP)¹Claudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP)²

198

Resumo: Memórias representativas na escrita, da narradora/protagonista de *O Rio e eu*, (Lygia Bojunga), inscrevem espaços do Rio de Janeiro em experiências de fluxos migratórios internos e externos. Por meio de momentos marcantes dessa trajetória, analisaremos a linguagem que cria o espaço destacado na narrativa, observando os discursos das personagens sobre a cidade. Demonstraremos como tais discursos constituem-se em atos de fala, uma vez que não apenas descrevem, mas são responsáveis pela criação do espaço mencionado anteriormente. Esse, por sua vez, interfere diretamente na formação da protagonista, a qual escolhe pertencer a uma comunidade específica, transformando um topói coletivo em individual e vice-versa.

Palavras-Chave: Linguagem, Discurso, Espaço, Comunidade, Identidade.

Abstract:

Representative memories in writing – from a narrator / protagonist of *O Rio e eu* (Lygia Bojunga) - inscribe Rio de Janeiro spaces on experiences of internal and external migration. Through moments of this trajectory, we will analyze language which creates the space highlighted in the narrative, observing the characters' speeches about the city. We will demonstrate how such speeches are constituted into speech acts, since not only they describe, but are responsible for, creating the aforementioned space. This, in turn,

¹ Professora efetiva da Rede Municipal e Doutoranda em Teoria da Literatura do Programa de Pós Graduação em Letras da UNESP de São José do Rio Preto - SP, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: mirubiane@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0123991536437722>.

² Livre Docente em Crítica Literária. Professora Adjunta, efetiva da UNESP de São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: cmcnigro@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5980841495163205>.



directly affects the protagonist's formation, which chooses to belong to a specific community, transforming a collective topoi into individual and vice versa.

Keywords: Language, Speech, Space, Community, Identity.

O espaço geográfico não é apenas um palco de ações humanas, como afirma Santos (2006), mas o lugar que inclui a criação da constituição identitária. Como são narradas experiências ligadas ao espaço? É possível interferir na construção ou criar de fato um espaço? Que relações podem ser estabelecidas entre a identidade de personagens e o espaço, a partir do uso da linguagem? Neste artigo, exploramos a maneira como Lygia Bojunga traz o espaço na linguagem em *O Rio e eu*, obra publicada em 2010.

A personagem narradora expõe uma forte ligação com o Rio de Janeiro, onde vai morar aos sete anos de idade. Possível “*alter ego* da escritora”, a protagonista narra experiências de ligação com a *Cidade Maravilhosa*: o primeiro contato; a apresentação na infância; os momentos em que se separa da cidade; os regressos e vários outros momentos marcantes do contato com o Rio, os quais podem ser associados à construção da própria subjetividade.

O livro apresenta características peculiares que dificultam sua classificação dentro de um gênero textual específico. Não há personagens, não há conflitos de modo a perceber uma sequência de ações capazes de caracterizar o texto como romance, novela ou conto. Há trechos narrativos, especialmente na primeira parte da obra, em que são apresentados fatos de um passado mais distante da vida da narradora, por meio de suas memórias. Ao finalizar a trama, como a autora mesmo intitula, segue-se um “papo” e uma “carta”. O leitor não participa diretamente da história, a não ser como uma espécie de ouvinte que tem a oportunidade de observar as confissões e desabafos da narradora em diálogo com o Rio de Janeiro. Assim, a narrativa tem caráter híbrido, ora se



aproxima do romance epistolar, ora do romance de memórias, sendo o que predomina o “papo”, a conversa informal dentro do relato.

A proposta de *O Rio e eu* é declarada desde a primeira página como uma tentativa da narradora em explicar o “caso de amor” com a cidade. Demonstraremos como isso acontece, a partir das divisões presentes na obra.

O anúncio

O Rio de Janeiro descortina-se pela primeira vez por meio de palavras (e de atitudes) da passadeira carioca Maria da Anunciação. A “atração” (BOJUNGA, 2010, p.11) da garotinha de seis anos, que só conhece a cidade natal (Pelotas, RS), pela moça e pelo Rio de Janeiro deriva das inúmeras diferenças entre os dois Rios – o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro. A cada palavra dita, a menina cria uma imagem fascinante do Rio anunciado.

O poder da palavra é notável. Podemos observar que a existência do Rio de Janeiro não se dá anteriormente à linguagem. Por meio da representação verbal a cidade se forma para a protagonista. Assim, para analisar como o Rio é arquitetado pela narradora, partiremos da análise de como é construído na oralidade.

Num primeiro momento, temos a personagem Maria da Anunciação que literalmente anuncia o Rio para a protagonista ainda criança. A força do discurso de Maria nos faz pensar na linguagem não apenas como descritora, mas também e principalmente como construtora de mundos.

- Por que a senhora não me diz tu.
- Não sou daqui, sou do Rio.
- Que rio?
- De Janeiro. Conhece?
- Eu não.
- Recomendo. E lá o que a gente fala é você. Você pra cá, você pra lá. Esse tuzão que vocês têm por aqui não tem lá não. (BOJUNGA, 2010, p.16)

Com relação à linguagem, a garotinha estranha a concordância em 3ª pessoa, pensando ser chamada de “senhora”. A moça enfatiza a concordância pronominal característica dos falantes cariocas e evidencia a informalidade, como se todos fossem íntimos. Dessa forma, vemos que a questão linguística é uma marca que particulariza os falantes e há uma escolha lexical deliberada pelo modo de falar carioca, o qual envolve a artista, principalmente devido à musicalidade e à informalidade.

Seguindo a análise de como o Rio é apresentado à menina, os trechos seguintes revelam a paisagem (natural e cultural):

- O Cristo do Menino Jesus?
- Não: o Redentor. Ele não tem mais nada de menino, é homem feito. E foi morar lá no Rio. Num morro altíssimo, que o pessoal chama de Corcovado. Ele tá sempre lá parado, olhando a cidade.
- Por quê?
- É que o Rio é bonito demais, o Redentor gosta de olhar. E olha sempre assim, ó, de braço aberto.
- Ué. Por quê?
- Mania de brincar de estátua.
- Ah, eu também gosto de brincar de estátua.
- Então você vai lá e brinca com ele.
- (...)
- Mas como é que a gente chega lá no morro?
- Pega um trenzinho, que vai subindo toda a vida no meio do arvoredo; quanto mais ele sobe, mais Rio a gente vai vendo; e quando chega lá na casa do Redentor a gente tem até que respirar fundo, assim, ó, pra se acalmar do susto de ver tanto Rio lá embaixo. É casa, é lagoa, é montanha, é praia, é mar, é floresta, é navio, carro, avião, é prédio tão alto que arranha o céu, tem até cemitério pra, querendo, a gente olhar onde é que vai se enterrar.
- Mas a gente vê tudo isso de uma vez só?
- Pois eu to dizendo. E a gente vê outra coisa que, essa sim, vai deixar você de boca aberta: a gente vê, lá longe, dois enormes morros, cada um mais lindo que o outro, saindo de dentro do mar; e aí, foram na parte mais alta do morro, amarraram um fio, esticaram, esticaram, esticaram até a ponta do fio chegar no alto do outro morro; aí pegaram um bonde, penduraram no fio, e o bonde fica indo de um morro pro outro, levando gente assim.
- Tudo lá dentro do bonde?
- Pendurado no céu.
- (...)
- O que que essa porção de gente vai fazer lá?

Revista Litteris

www.revistaliteris.com.br

ISSN: 19837429

Março de 2014

N.13

Volume 2



- Olhar pro Rio.
- Olhar *só*?
- *Só*? Vai lá olhar pra ver se é *só*. (...) Sabe como é que chamam o Rio? Cidade Maravilhosa. (BOJUNGA, 2010, p.18-21)

A descrição das paisagens do corcovado e do pão de açúcar, bem como do Cristo Redentor e do bondinho, atrai, pela forma com que Maria anuncia esses lugares, e desperta o encanto da garota. A descrição é humanizada e enfatiza sempre a beleza da cidade. Enquanto em alguns lugares é preciso ter o que fazer para ser interessante, a quem está no Rio basta olhar e “*só*”.

Elementos como o cristo adulto que brinca de estátua em cima do morro para ficar olhando a cidade; o bonde que foi pendurado num fio que esticaram num morro bem alto e está sempre cheio de gente também para olhar a cidade; a possibilidade de ver ao mesmo tempo “tanto Rio lá embaixo”, com matas, construções, praia, mar, etc. – tudo é apresentado como se estivesse ao alcance da garota, que deve ir até lá.

A fala de Maria da Anunciação não é meramente descritiva, mas performativa, uma vez que vai construindo o Rio de Janeiro, desenhando-o como quer. Duas sentenças são marcantes pela presença do imperativo: “Então você vai lá e brinca com ele”, “Vai lá olhar pra ver se é *só*”. Essas duas frases não podem ser avaliadas como verdadeiras ou falsas (constativas), são recomendações que de fato produzem um efeito no interlocutor: a menina vai ao Rio, pela imaginação.

Mas agora, quando o meu olho cansava de procurar na planície um alto qualquer pra brincar de imaginar o que que tinha atrás, a lembrança me trazia de volta as histórias que a Maria da Anunciação me contava do Rio e eu então criava serras e picos, brincando de imaginar que o pampa era o Rio.* (BOJUNGA, 2010, p.27-28)

Analisando os efeitos produzidos pelo discurso, podemos classificá-los como atos perlocucionários (AUSTIN, 1990), porque são capazes de fazer a garota ir ao Rio, no caso, sentir-se próxima de uma cidade distante. O trecho acima vem acompanhado



de uma nota de rodapé, a qual prova que a proximidade e a identificação entre a menina e o Rio não ficam restritas à fantasia.

**Vai ver, esse jogo da imaginação me acostumou com o Rio: quando eu fiz oito anos e a minha mãe me anunciou que a gente estava de mudança pro Rio, em vez de perguntar por que, eu só perguntei o que que eu ia vestir. E foi só chegar aqui que eu me senti ainda mais acostumada.* (BOJUNGA, 2010, p.28)

Segundo a teoria de Austin, há na linguagem três tipos de atos de fala: o locucionário (o ato de dizer alguma coisa, a fala propriamente dita); o ilocucionário (as ações que os falantes pretendem realizar ao produzir sua fala: prometer, ameaçar, ordenar, advertir, etc.); e o perlocucionário (as consequências ou efeitos do ato ilocucionário sobre as ações, pensamentos ou crenças dos ouvintes, como criar expectativa, alarmar, assustar, convencer, inspirar, persuadir, etc.). Não é possível, portanto, estudar a língua separada do contexto comunicativo, uma vez que a linguagem não é vista como descrição, mas como ação. Por esse motivo, devemos tratar do contexto comunicativo/pragmático nos diálogos entre a menina e Maria, como, por exemplo, a questão dos interlocutores.

Várias passadeiras já tinham trabalhado na casa e outras trabalharam depois, entretanto, essa é a única que conta histórias à menina. Antes de se apaixonar pelo Rio, a narradora sente-se deslumbrada pelas características da mulher: o jeito de falar, o modo de cantar e dançar, a gargalhada com o corpo todo, o fato de não usar nada que a sujeite como cinto, sutiã ou gola fechada, e até mesmo a aparência – a mão grande e forte, o pé igualmente grande e sempre descalçado para trabalhar e o cabelo, que “era juba; dominada no lenço vermelho” (BOJUNGA, 2010, p.15).

Essa figura, até certo ponto pitoresca, encontra-se visivelmente deslocada. Chegou ao sul atrás de um amor, que por sua vez foi ao Uruguai e não voltou. Ela se adapta como pode às condições que encontra por lá, mas não esconde a dificuldade de ficar longe da cidade amada e do homem amado:



– Ô saudade que eu tenho do calorzinho do Rio! Paciência, quem mandou eu me apaixonar? (BOJUNGA, 2010, p.12)

– (...) Hoje não quero mais falar do Rio senão vou chorar de saudade. E já chega o resto que me faz chorar. (BOJUNGA, 2010, p.23)

A menina, por outro lado, está na terra natal, mas se mostra insatisfeita com algumas características, especialmente depois que Maria lhe conta sobre o Rio.

Eu tinha nascido e vivido quase sete anos da minha vida longe da montanha e do mar, mais perto do Uruguai e da Argentina que de outro estado do Brasil; ouvia mais tango que samba; no inverno escutava o minuano soprando e achava triste ele soprar assim, sentia um arrepio que podia ser de medo, mas vai ver era de frio; não se falava em *fazenda*, só se falava em *estância*, e a estância era sempre uma planície sem fim, pampa onde nem gente nem bicho nem sol encontrava um alto pra se esconder atrás. (BOJUNGA, 2010, p.27)

Vale lembrar que apenas a primeira parte do livro mostra as experiências da protagonista ainda criança, embora a narradora já seja madura, comentando sobre lembranças. Nas demais partes da obra, não há nenhuma referência ao Rio Grande do Sul, a identidade assumida é a de pertencente à comunidade carioca.

Considerando, então, que seja adulta, vejamos a avaliação que faz sobre a importância da Maria da Anunciação no relacionamento com o Rio.

Muitos anos mais tarde, um dia me perguntando quando é que tinha começado o meu caso de amor com o Rio, eu fui voltando pra trás na minha vida, fui voltando, voltando, até chegar na Maria da Anunciação. (BOJUNGA, 2010, p.11)

A chegada da Maria da Anunciação na minha vida foi uma verdadeira revelação: não só ela me apresentou o Rio, mas me apresentou também um jeito novo de contar história. (...) E não era só contada, era cantada, e muitas vezes dançada. (...) (BOJUNGA, 2010, p.28-29)

Acho que foi por isso que eu me entreguei ao Rio tão pequena e tão de longe: pelo jeito que a Maria da Anunciação me apresentou a cidade. (BOJUNGA, 2010, p.29)



Como a narradora escolhe o Rio, não faz um relato saudosista da terra natal, nem conta a mudança aos oito anos para um ambiente tão diferente do qual está acostumada como uma experiência traumática. Pelo contrário, os trechos anteriores demonstram o efeito da força dos atos de fala da Maria da Anunciação, que sabe convencer, persuadir, encantar e conquistar a protagonista. Desde criança, sente-se mais perto do Rio de Janeiro do que do Rio Grande do Sul porque, a partir do diálogo com a passageira/amiga, imagina, constrói o calor da comunidade e se aproxima da cidade.

O trecho seguinte mostra Maria da Anunciação apresentando mais uma imagem do Rio para se somar às já apresentadas: a praia.

A Maria da Anunciação voltou e contou outra coisa que me impressionou: muita gente, no Rio, morava juntinho da praia.

– *Morava?* O tempo todo?

– É, ué.

– Mas praia não é só pra férias?

– Ela esnobou:

– Pros outros; pra nós não, a praia chega assinzinho na porta de casa.

– Assinzinho na *tua casa?* quer dizer, da senhora?

– Na minha, não, porque eu moro no morro.

– Feito o Cristo?

– Isso!

– Por quê?

– Ora por quê! Porque tem mais Rio pra olhar lá de cima. – Riu. Mas dessa vez, um riso seco. – Lá embaixo tem muito edifício alto e muito morro de pedra tapando o que vem atrás. Mas onde eu moro, não: é tudo destapado... (BOJUNGA, 2010, p.22-24)

Ao saber sobre as praias cariocas, a menina deslumbra-se novamente, pois só tivera contato com um pouco de areia e algumas conchinhas, que foram presente de uma prima. Maria da Anunciação revela o privilégio dos cariocas por terem intimidade com a praia.

Nesse mesmo trecho observamos a intenção da mulher em construir uma imagem do Rio enfatizando apenas as qualidades. Podemos notar, especialmente sobre a moradia de Maria, que ela não mente, mas também não descortina os problemas do



morro. Seu “sorriso seco”, tão diferente de como costumava ser, demonstra que há uma seleção no dizer. Apesar de provavelmente sofrer pela desigualdade social, que separa e exclui os moradores do morro, ela quer criar apenas imagens positivas da cidade amada.

A menina adora conversar com a passadeira e sempre pede histórias do Rio, contudo, às vezes duvida que seja possível haver tantas maravilhas reunidas em uma cidade. Experimenta um impasse entre acreditar ou não, porque o desejo é muito grande. Afirma que não pergunta para os adultos da casa porque tem medo – “Medo de ser verdade que o Rio era de mentira” (BOJUNGA, 2010, p.24).

Independentemente de ser real ou inventado, o discurso de Maria da Anunciação é responsável pela criação de um Rio de Janeiro para a protagonista: “O Rio começou a germinar dentro de mim” (BOJUNGA, 2010, p.23) “A minha imaginação trabalhava e trabalhava, fabricando na cabeça o Rio” (BOJUNGA, 2010, p.24).

Há, portanto, a construção de várias imagens da cidade, uma vez que os relatos são feitos por duas personagens (Maria da Anunciação e a narradora), em momentos distintos da vida. Para compreender os diferentes retratos, é necessário refletir sobre as seguintes questões: “Que imagem a personagem carioca tem de sua cidade natal, temporariamente distante, e que imagem dessa cidade ela quer transmitir a uma garota do sul?”; ou então “Que imagem essa garota constrói em seu imaginário a partir das descrições da empregada carioca?”, ou ainda “Que imagem a narradora do livro, adulta, quer transmitir em seu relato, a partir das diferentes experiências que teve no Rio de Janeiro?”.

Para respondermos tais questões, levamos em consideração a análise dos discursos das personagens e o contexto pragmático em que estão inseridas: quem são os interlocutores, que imagem um tem do outro, em que momento e lugar ocorre a interação, com que finalidade, etc. A partir de agora discutiremos como se dá a formação do espaço do Rio de Janeiro no discurso da própria narradora.

Papo com o Rio



O discurso ganha um narratário explícito – o Rio de Janeiro. A narradora avalia momentos do contato com a cidade, aliando espaço e tempo. O primeiro encontro e vários anos revelam o deslumbramento pela cidade durante a infância e juventude, até o momento da perda do encanto, devido às transformações da cidade e dos moradores, especialmente pela modernização e pelo crescimento da violência. Depois disso há duas separações – uma mudança para o bairro de Santa Teresa e outra mudança para Londres.

As mudanças descritas no livro nos leva a realizar uma leitura do *espaço*, a fim de demonstrar a maneira como está relacionado à construção identitária da narradora. Desde a análise do título de *O Rio e eu*, destaca-se pela importância da categoria narrativa *espaço*. O Rio de Janeiro, lugar onde a protagonista passa a maior parte da vida, é o assunto do discurso e, ainda, o destinatário desse discurso.

Dimas (1994) afirma que o espaço está entre as várias “armadilhas virtuais de um texto”, cabendo ao leitor “descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo” (p.5). Não podemos, portanto, considerá-lo apenas como um lugar físico delimitado, uma vez que envolve aspectos políticos, linguísticos, sociais e culturais, os quais se relacionam com o modo de ser e de agir das personagens. De acordo com o geógrafo Milton Santos, como o espaço é considerado local de interação, transforma-se constantemente:

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. (SANTOS, 2006, p.66)

A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente. (SANTOS, 2006, p.67)



Há uma cidade real mencionada no texto, o Rio de Janeiro, que logo vem à mente do leitor, o qual por sua vez, busca as informações sobre o lugar. Da mesma forma que a personagem, alguns conceitos e pré-conceitos, alguns clichês ou experiências próprias certamente fazem com que cada leitor tenha uma imagem própria. Não pretendemos destacar os locais reais relatados no texto, mas demonstrar a construção do espaço ficcional pela invenção, fantasia e criação literária, a partir do uso da linguagem verbal. Dessa maneira, relacionamos o lugar ao indivíduo, uma vez que, “o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos” (SANTOS, 2006, p.68), ou seja, só compreendemos o espaço se considerarmos as interações sociais.

Na seção anterior, trabalhamos a construção do Rio de Janeiro pelo discurso de Maria da Anunciação. O objetivo agora é analisar o discurso da personagem narradora ao construir imagens da cidade para seu interlocutor (o próprio Rio) e para os leitores do livro, bem como a intrínseca relação entre o lugar e a construção da identidade da locutora. No início do “papo com o Rio”, o objetivo é exposto:

(...) vim pra falar dessa sensação intrigante da gente se sentir *perto* e da gente se sentir *longe* do objeto amado (no caso, você), independente de estar perto ou não.

Afinal de contas, e você sabe muito bem disso, não é?, o nosso caso de amor começou pela imaginação. De te imaginar, eu te criei; de te criar, eu te amei; de te amar, eu me acostumei, eu me sentia *perto* de você; e tudo isso aconteceu lá longe, bem no Extremo Sul do Brasil, sem nunca ter te visto nem nada. (BOJUNGA, 2010, p.33-34)

(...) Quando eu cheguei na esquina e te vi assim: praia e mar, e mais montanha lá do lado vigiando, puxa! nem deu pra acreditar. Acho que foi nessa hora que eu me apaixonei de vez por você.

Era de manhãzinha. Uma dessas manhãs de abril que só você sabe fazer. Não tinha quase ninguém na praia, e a tua areia (que branca!) era tão boa de enfiar o pé, que a paixão não foi só te ver, foi também te sentir. (BOJUNGA, 2010, p.35-36)

A paixão pelo Rio vai se fazendo aos poucos: primeiro, pelas histórias, depois imaginando lugares, para só então poder olhar e sentir de perto. A paisagem agrada a



narradora menina que, conforme cresce, conhece cada vez melhor a cidade, várias praias, vários bairros, várias ruas e várias histórias.

Esse direito às tuas ruas sempre sublinhou a sensação de *estar perto de você*. E foi justo por causa desse direito que a gente acabou ficando íntimo: eu te percorria, eu te esmiuçava, andar por você tinha o gosto bom do que é espontâneo, natural. Desvendar uma tua outra rua, descobrir um teu outro canto escondido, visitar um teu bairro distante, andar calçada atrás de calçada num papo bom com um amigo, uma amiga, pausando num banco, numa mureta, num bar, era tão do meu todo-dia que, mesmo andando sozinha numa tua rua vazia, ou num mais tarde da noite, eu não me lembro de ter sentido ansiedade nem ameaça, quer dizer, eu não me lembro de ter me sentido *longe de você*. (BOJUNGA, 2010, p.38)

O espaço da narrativa amplia-se, apesar de não se fixar muito em nenhum ponto específico. Podemos associar essas descrições ao desenvolvimento da personagem: enquanto criança alguns aspectos pontuais lhe satisfazem; na adolescência, os patins e a bicicleta abrem caminho para descobertas e aventuras. Assim, conforme a personagem cresce, cresce também a cidade na narrativa.

Com o tempo, a vida se modifica, as preocupações e responsabilidades aparecem e justamente nesse momento os problemas da cidade começam a se intensificar também. Surge então uma questão: será que as transformações da cidade relatadas nos trechos a seguir ocorrem de maneira tão rápida e intensa ou será que a mudança ocorre no olhar, agora mais crítico?

É, eu também acho, fui ficando meio chata com essa história de viver reclamando. E o pior é que foi justo num tempo em que se via por toda parte o *slogan* “ama-me ou deixa-me”. Lembra desse anúncio que não sei quem andou inventando, e que pegou você de um jeito que até *você*, andou anunciando? Você quis até me convencer, naquelas brigas que a gente tinha, que o anúncio era legal. E, pior!, aproveitou a onda do anúncio pra me fazer sentir que, se eu não estava mais te amando, eu tinha mais era que ir embora. Ah!, eu fiquei danada da vida. Claro, ué! Danada de ver você pensando que eu ia engolir aquela pílula: acreditar que *amar* é perder o direito de reclamar, de criticar, de me opor ao objeto amado. Eu, hem? Então, pra te amar, eu tinha que ter sangue de



barata? virar cordeirinho? aceitar, de boca fechada, todos os teus desmandos?

Desmandos, sim senhor! Qualquer chuva te alagava, calçada tua tinha mais buracos que meia de mendigo; tua arquitetura se cobria de grades (até de alumínio); o tal “ama-me ou deixa-me” botava pra correr os teus poetas e os teus artistas; e você querendo me ver bem quieta e conformada. Pô! que longe que eu me senti de você. (BOJUNGA, 2010, p.43-44)

Várias mudanças incomodam a narradora, especialmente a modernização desenfreada e a violência crescente. A primeira transforma o visual da cidade em algo inexpressivo, derruba casas para a construção de prédios; a segunda dificulta o contato íntimo que sempre teve com a cidade, pois não é mais seguro andar sozinha. Uma das causas apresentadas é a desigualdade social cada vez mais severa: enquanto os bairros próximos à orla se enchem de prédios luxuosos, os morros se enchem de favelas.

É notável o tom de conversa que a narradora dá ao discurso. Sabemos que ela se dirige ao Rio e alguns trechos revelam que não se trata de um monólogo destinado a um ouvinte, mas verdadeiramente de um diálogo. O leitor só tem contato com as falas da narradora, mas pode imaginar as possíveis interações, como nos trechos acima: “É, eu também acho” ou “*Desmandos*, sim senhor!”. Esse tipo de construção se repete ao longo de todo o “papo”, atribuindo vida ao Rio, como se respondesse e opinasse também.

O trecho exposto anteriormente nos apresenta outro problema enfrentado pela cidade e seus moradores: o período da ditadura no Brasil. Ironicamente, a narradora apresenta o slogan “ama-me ou deixa-me” que, como diz, “não sei quem andou inventando”. O excesso de poder de alguns obriga a maioria a aceitar a situação como é conveniente aos usurpadores da democracia. Esse abuso não é aceito por pessoas de pensamento crítico e com desejo de liberdade, como artistas e poetas mencionados. Nem tampouco a narradora se vê confortável nessa posição, o que a faz sentir-se longe do Rio, daquele Rio com o qual sempre se identificou.



A perda da identificação faz com que a personagem se afaste para um bairro distante – o morro de Santa Teresa –, na intenção de se “despoluir” (BOJUNGA, 2010, p.45). O resultado é positivo, a narradora volta a sentir-se parte integrante do lugar, entretanto, com a distância, surge a saudade. Ao sentir compulsão de falar (bem) sobre o Rio, apesar de o ter deixado por estar decepcionada, afirma:

– Não conhece o rio? É mesmo? Nunca foi lá? Ah, então deixa eu te contar... – E toca a falar de você. Só depois, lembrando a conversa, eu percebia que só tinha falado das tuas virtudes. (Será que eu já tinha me esquecido dos teus defeitos?) (BOJUNGA, 2010, p.48)

Devemos considerar a semelhança entre o posicionamento da narradora e o de Maria da Anunciação, uma vez que há a exaltação do objeto distante, valorizado pela falta. O espaço novamente não é apenas descrito, mas criado na linguagem, de acordo com a imagem que o locutor quer transmitir a seu interlocutor.

Vimos que a narradora desenvolve um processo de identificação espacial com a cidade desde criança; na sequência, analisaremos mais detidamente a questão da escolha da comunidade, do sentimento de pertencimento que a narração revela.

Carta de Santa Teresa

Constitui-se de uma análise das experiências da chegada à Santa Teresa até a partida para Londres. A narradora lembra o momento dos dezenove anos, com situações turbulentas. O vestibular de medicina e o trabalho o dia todo num emprego que não lhe agrada são sacrifícios para ajudar a família em período de crise financeira. A medicina é escolhida, apesar da falta de afinidade com química e física, porque a paixão por ler, escrever e representar teria apenas “cara de gosto” (BOJUNGA, 2010, p.57), não de profissão. O pai muito doente e um namoro frustrado completam o quadro que desanima completamente a jovem naquele momento. Ao decide seguir a intuição, ganha o primeiro lugar em um teste de teatro e conhece Santa Teresa, onde ensaia as peças. Mais tarde, muda-se para lá e gosta da possibilidade de ter quintal, de conhecer



os vizinhos, o carteiro, o padeiro, o sapateiro, etc., e principalmente de ver a memória conservada nas casas e nos moradores. Contudo, uma bala perdida invade a janela e a recorrência do som de tiros a faz tomar a decisão de trocar o Rio por Londres.

Na associação entre as transformações do espaço às transformações da personagem, temos o momento em que alguns problemas pessoais, que exigem maturidade e responsabilidade, marcam o início das transformações drásticas da cidade.

Isso foi no tempo em que eu morava na tua esquina da Rua Rainha Elizabeth, e tudo que era dia meu tinha sempre uma praia tua. Nem que fosse só pra uma andadinha, um mergulho. Mas, naquela manhã, o peso da química da doença e da física do pé me derrubou logo na areia. Fechei o olho com força pra não ver mais o meu pai sofrendo, nem a cara do escritório das linhas aéreas. Não adiantou. Então abri o jornal pra procurar um emprego que pagasse mais. Não encontrei. Outra vez o olho fechado com força pra não ver minha vida. Nem você, com todo o teu charme, conseguia me consolar. A única esperança de melhorar o astral era encontrar um filme bom pra ver. Abri o jornal na seção de cinema e teatro e vi um anúncio que – literalmente – mudou minha vida. (BOJUNGA, 2010, p.60-61)

Esse trecho resume o estado em que a personagem se encontra aos dezenove anos, quando ainda repara no charme da cidade. Trata-se da lembrança de um tempo anterior aos descontentamentos narrados no “Papó com o rio”. A mudança de atitude da garota, ao optar por seguir uma profissão que realmente lhe agrada possibilita o conhecimento de um novo espaço, o qual transmite novos valores à protagonista.

A afinidade que eu senti com as ladeiras da tua Santa me deu a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, eu vinha morar aqui. Um dia, vim. E finquei minhas raízes de mulher adulta neste teu pedaço velho que me apaixonou aos 19 anos. (BOJUNGA, 2010, p.68)

Foi o que aconteceu quando eu “descobri” a tua Santa Teresa. Ela dava sequência e respaldo a um interesse meu muito grande, sintetizado em quatro palavras que se reforçam: história / memória / reastro atrás. (...) Não foi só o pitoresco dessas tuas ladeiras, nem só a atração de morar num alto (pra ver mais quando te olho) (como diria a Maria da Anunciação) que me fez abandonar tua beira-mar e subir pra Santa. Foi, sobretudo, porque eu senti que, aqui, você levava mais a sério a tua

Revista Litteris

www.revistaliteris.com.br

ISSN: 19837429

Março de 2014

N.13

Volume 2



memória, não se descartava tão facilmente do teu rastro atrás, não se abandonava com tão pouca luta a dar sumiço nos teus referenciais. (BOJUNGA, 2010, p.69-70)

Da mesma maneira que a identificação com o Rio de Janeiro possibilita a escolha de uma identidade, a mudança de valores despertada no contato com Santa Teresa representa outra identificação e a manifestação de uma identidade diferente. Consideramos que, especialmente na contemporaneidade, momento em que o sujeito tem contato com uma ampla diversidade de conceitos e valores, a identidade pode ser considerada líquida, possível de ser adaptada, de acordo com Bauman (2001).

O autor trabalha também com o conceito de *comunidade*, o qual é extremamente relevante na modernidade e mostra-se presente na obra de Bojunga. Quando pensamos em comunidade, podemos questionar a noção de pertencimento. Será que basta nascer numa determinada região para fazer parte dela? Será que é o território que determina quem são os membros das comunidades? Acreditamos que não, uma vez que devemos considerar o sentimento de pertencimento, especialmente porque cada indivíduo é exposto a uma infinidade de grupos, aos quais pode se afeiçoar e os quais pode rejeitar.

A “escolha” da comunidade mostra-se no fato de a protagonista nascer em Pelotas (RS), mas não conservar características regionais. Apesar de se mudar para o Rio de Janeiro aos oito anos, é evidente que as características da cidade (e da comunidade) carioca se fazem presentes na personagem. No entanto, isso não ocorre por uma fatalidade, mas principalmente por uma questão de identificação. Ela demonstra por meio do discurso que *escolhe* pertencer ao Rio.

Considerando a contemporaneidade um período de fluidez, instabilidades e descentralizações, não podemos aplicar nenhum conceito rígido ou ortodoxo. Assim, a própria noção de comunidade pode ser questionada. Bauman cria uma definição que mostra que a comunidade, ao mesmo tempo em que foi, é e será buscada pelo ser humano, parece nunca ser alcançada.



Em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. (...) Podemos acrescentar: que ela sempre esteve no futuro. “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. (BAUMAN, 2003, p.09)

Nesse período em que os laços parecem afrouxar-se, quando as relações mostram-se incertas e momentâneas, uma vez que predomina o ambiente de competição e individualismo, a busca pela comunidade surge como sinônimo da busca por segurança. A diversidade pode parecer ameaçadora, portanto, o ser humano sente-se atraído pela possibilidade de pertencer a um grupo.

A narração aponta para a procura da protagonista por uma comunidade, o desejo de integração que se altera com o tempo, conforme as variações identitárias da personagem. Na carta de despedida, evidencia-se novamente o distanciamento sentido, a perda de identificação, que faz com que um novo espaço seja buscado.

Esse barulho que invadiu tua Santa, ou melhor, que nos invadiu, foi se impondo (...).
Barulho que vai ficando mais forte.
Que vem chegando mais pra junto.
Que se intromete na casa, no quintal, na sequência, na memória, no me sentir perto de ti. (BOJUNGA, 2010, p.73)

Assim, em *O Rio e eu* há uma busca da protagonista por fazer parte de uma comunidade, em muitos momentos, idealizada. Primeiramente, ela não se sente integrada ao meio natal, depois, apesar de ver muitas qualidades na cidade de Londres, não se sente parte da comunidade europeia (como veremos na próxima seção do trabalho). É apenas no Rio de Janeiro – em bairros distintos – que se encontra. Tamanha é a ligação entre a personagem e a cidade que notamos que as transformações desta acarretarem transformações naquela, ou talvez seja o contrário: as modificações da personagem levam à alteração do espaço criado na narrativa.



O papo outra vez

Há comparações entre o Rio de Janeiro e Londres. A narradora expõe como a cidade europeia valoriza e preserva memórias e tradições. Durante três anos nem ao menos visita o Rio, mas novamente a saudade surge e ela precisa voltar. Devido aos novos rumos, pretende usufruir do espaço e do tempo em cada uma dessas duas cidades. No final do discurso, assume que seu amor pelo Rio de Janeiro não termina e não diminui, apenas se modifica. O encanto não é o mesmo dos primeiros anos, todavia declara que entende que o Rio faz parte dela, da sua própria constituição.

Essa mudança prova que a busca da personagem por encontrar um lugar que a complete é constante. Já que a violência praticamente a expulsa do Rio, sua experiência na Europa reaviva os valores que buscava em Santa Tereza. Nesse “papo” final do livro, a narradora busca se explicar e se reconciliar com o Rio.

Eu sei, ficou até parecendo que eu tinha te esquecido: fui m’embora e fiquei três anos sem te ver, sem te visitar, sem nem ao menos te escrever uma ou outra palavrinha, em nome de todo o tempo que a gente viveu junto. (BOJUNGA, 2010, p.78)

A mudança do espaço interfere novamente na identidade da personagem. Acreditamos que a identidade está sempre em formação, independente da idade. Durante muito tempo pensou-se na identidade como um centro, único e coerente, do “eu”, até que, com a complexidade do mundo moderno, as transformações do indivíduo a partir das interações sociais começam a ser notadas. Em nossa leitura consideramos o sujeito fragmentado (HALL, 2002), que não possui uma identidade única; ou seja, não há um “eu” de centro coerente e essencial.

É como se a vida em sociedade na chamada “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005) acarretasse em incertezas e inseguranças, as quais colocam em cheque identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais – num processo de transformação contínua, que vai do perene ao transitório. De acordo com esse estudioso, a questão da identidade é sempre negociável e revogável, em que vale a escolha do



sujeito, o qual pode questionar valores e, no contato com o “outro”, em uma situação de tensão, apresentar uma identidade – líquida, moldada de acordo com as exigências da circunstância, afirmando a presença de fragmentações.

No caso do livro de Bojunga o *outro* com quem a protagonista se encontra e a faz conhecer ainda mais a si mesma é, na verdade, outro espaço: Londres. No tempo em que está lá reconhece valores pelos quais tem muito apreço como a preservação da tradição, da memória e da história, os mesmos que reconhece em Santa Teresa. Afirma, inclusive, que a mudança de cidade compara-se à mudança anterior, de Copacabana para Santa Teresa.

Um fato interessante que acontece nesse período em Londres é que a personagem tem problemas para se comunicar, esquecendo o inglês. Aparece o desejo de falar “na língua da gente; melhor ainda: na *tua*. Assim mesmo, com esse chiado, essa cadência, essa gíria, essa misturada de pronomes, esse teu jeito que a gente sempre usou pra conversar” (BOJUNGA, 2010, p.80). Assim, não se trata da “língua da gente”, a Língua Portuguesa, mas a *tua* língua, a variante utilizada no Rio. Mais uma vez, com a distância do ser amado, o discurso apresenta o espaço de maneira idealizada.

Quando enfim volta ao Brasil, a intenção é dividir a moradia com a Inglaterra, mas a narradora prevê que talvez não cumpra esse plano devido ao sentimento de cumplicidade e identificação, como mostram os trechos abaixo:

Escuta, o que interessa é que eu voltei; e que cada ano que passa eu espicho mais o tempo contigo; e, do jeito que isso vai indo, arrisco de daqui a pouco estar cumprindo outra vez horário integral com você. (BOJUNGA, 2010, p.83)

Nada, não: é que eu estava pensando naquela coisa do *estar perto* e do *estar longe*. Não. Não sinto mais que estou longe de ti. Ao contrário: voltei a me sentir bem perto. Verdade! (BOJUNGA, 2010, p.83)

Só que o meu *estar perto* de hoje é bem diferente do meu *estar perto* de ontem.

Ora, por quê?!

Porque o tempo passou, meu querido.



E porque eu não sou mais a menina a quem você deu um título de campeã na praia, nem a adolescente que viveu tanto namoro exaltado contigo, nem a mulher que se enciumava, se irritava, reclamava, a mulher que vivia contestando tudo que é desmando teu – eu agora te amo de um jeito novo, diferente; de um modo mais meditativo; fingindo, às vezes, que nem vejo nem sinto as tuas neuras (aprendi que fingir cegueira vez por outra é necessário: a gente ganha tempo pra pensar mais fundo e mais positivo). (BOJUNGA, 2010, p.84)

No último trecho citado a narradora mostra que o relacionamento com a cidade altera-se com o tempo. Já vimos que algumas alterações são provocadas pelas transformações do Rio, outras ocasionadas pelas transformações da personagem, ou ainda pelas duas coisas simultaneamente, marcando a importância do espaço na composição do “eu”. Mais uma prova dessa ligação intrínseca é a frase que fecha a obra (antes do “Pra você que me lê”): “Se tive dúvidas, já não tenho mais: sem você, eu sou bem menos eu” (BOJUNGA, 2010, p.85).

Analisando o contexto comunicativo em que se dá esse diálogo “solitário” presente na obra, devemos levar em consideração que a locutora fala da vida a partir de lembranças e as analisa de um ponto de vista crítico, maduro. O interlocutor, o Rio, não se manifesta verbalmente, mas é tratado como um ser antropomorfizado, capaz de compreender as angústias da narradora e, por que não atender às suas vontades? Parece que há a intenção de persuadi-lo a não deixar de ser a *Cidade Maravilhosa*.

Pra você que me lê

Não podemos dizer que se trata de um capítulo do livro, é um espaço em que a autora estabelece contato direto com o leitor. Esse diálogo é uma característica presente em todos os livros publicados pela Editora Casa Lygia Bojunga, ora no início, ora no meio, ora no final, como acontece nesse caso, e não se trata exatamente de um prefácio ou posfácio.

O assunto, nesse caso, é a aventura de criar uma casa editora e acompanhar os livros desde a criação até a produção final. Apesar de advertida e desencorajada pela



maioria dos conhecidos, Bojunga assume o risco e cria a própria editora. O livro *O Rio e eu* é considerado uma celebração porque, três anos após iniciar os trabalhos na editora, a autora cria novamente.

Há também a explicação da ilustração da capa, a qual foge do convencional por não trazer a imagem do Cristo Redentor do Corcovado. Vemos uma árvore representando o corpo de Cristo com os braços abertos, um machado fincado nessa árvore e sangue escorrendo. Há um contraste entre a tristeza da face e o fundo da imagem, composto de várias aves, peixes, plantas e frutas – tudo muito colorido. A escolha, afirma a autora “tinha muito a ver com minhas preocupações ecológicas, cujas *despreocupações* tanto vêm devastando a Cidade Maravilhosa...” (Bojunga, 2010, p.97).

Ao observar a apresentação dos “capítulos” de *O Rio e eu* podemos notar que não há uma sequência de ações na composição da obra, mas um conjunto de reflexões e relatos, cartas e conversas por meio do qual procuramos estabelecer uma relação entre a construção do espaço e a construção da personagem narradora, definindo identidades. É importante observar que a protagonista entra em contato com vários espaços urbanos, mas escolhe o Rio como a sua cidade, o que o trecho seguinte demonstra:

Cidade da gente, ainda mais se é assim grande que nem você, acaba se resumindo ao pedaço onde a gente mora, estuda, trabalha, namora, vai ver amigo, teatro, cinema, isso e aquilo; o resto se dilui.
(...) Mas foi na tua Copacabana e, mais tarde, na tua Santa (Teresa) que eu vivi mais tempo e mais fundo e onde senti raiz nascendo e minha história se escrevendo. (BOJUNGA, 2010, p.55-56)

Para compreender como essa história foi se escrevendo, iniciamos nossa leitura com a análise da apresentação do Rio pelo discurso da Maria da Anunciação, a qual foi responsável pelo início da construção da cidade no imaginário da menina, fazendo com que ela se identificasse com a comunidade, a que posteriormente escolhe pertencer. Vimos que a força do discurso que anuncia é também capaz de criar laços duradouros entre a interlocutora e o objeto anunciado. Assim, cumpre-se o papel do ato de fala



perlocucionário, responsável por criar uma realidade por meio da fala, antes dessa realidade tornar-se concreta para a protagonista.

A narradora faz distintas leituras do espaço urbano ao longo da obra, incluindo comparações entre cidades e tempos diferentes. Conforme vai amadurecendo, sua percepção da realidade se altera. A criticidade com que avalia a transformação do espaço, especialmente os aspectos sociais e econômicos, revela sua postura ativa no relacionamento com a cidade.

Assim, demonstramos a maneira como a cidade se constrói para a protagonista e a maneira como esta se constrói com a cidade. Inicialmente ouvindo e criando histórias, depois no contato visual e físico, nas separações e regressos. São várias experiências relatadas nessa conversa que demonstram que, ao assumir uma identidade carioca, a personagem reivindica um pertencimento a essa comunidade específica, tentando sempre compreender características e lutando para alterar o que não lhe agrada.

Referências Bibliográficas

- AUSTIN, John Langshaw (1990) *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BAUMAN, Zygmunt (2001) *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2005) *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2003) *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BOJUNGA, Lygia (2010). *O Rio e eu*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- DIMAS, Antônio (1994) *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática.
- HALL, Stuart (2002) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tadeu da Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.